

**O MARAVILHOSO E O FEÉRICO NOS CONTOS DE MARINA COLASANTI:** uma leitura de “A moça tecelã” e “A mulher ramada”

Ana Elisa Spereta MOREIRA  
Ana Rita Coelho CAVALCANTE  
Julia de Andrade GUAGNELI  
Monica de Oliveira FALEIROS

**Resumo:** O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é apresentar uma leitura dos contos “A moça tecelã” e “A mulher ramada” que pertencem à obra *Doze reis e a moça no labirinto do vento*, de Marina Colasanti, tendo em vista a presença do maravilhoso e a herança dos contos de fadas, além de mostrar a importância da sua obra para a contemporaneidade, e, assim, mostrar o modo único como atualiza textos herdeiros da tradição abordando diferentes temas universais e atuais, como o amor, a ambição, o consumismo, a solidão. Ao realizar a leitura dos contos, nota-se que não se trata apenas de literatura infantojuvenil, pois suas obras interessam a qualquer leitor, sejam crianças ou adultos. Este trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica fundamentada a partir dos estudos de Coelho (2003 e 1998) sobre o conto de fadas; de Todorov (2004), sobre o maravilhoso e Jolles (1976), sobre o conto como forma simples, além de estudos sobre a autora realizados por Marlúcia Nogueira do Nascimento Dodo (2010) e Leandro Passos (2008). Cabe ressaltar que a abordagem analítica dos contos parte da investigação sobre a estrutura narrativa, contemplando também sua poeticidade, percebida na linguagem e nos símbolos empregados na construção do enredo e das personagens, a fim de se chegar a uma leitura que revele os sentidos dos textos. Após esses estudos e abordagens, verificamos que a narrativa de Colasanti apresenta uma dimensão universal e atemporal, uma vez que trata da condição humana.

**Palavras-chave:** Marina Colasanti. “A moça tecelã”. “A mulher ramada”. Contos de fadas. Maravilhoso.

**Abstract:** The objective of this final project is to present a reading of short stories “A moça tecelã” and “A mulher ramada” belonging to *Doze reis e a moça no labirinto do vento* of Marina Colasanti, in view of the presence of the wonderful and the inheritance of fairy tales, in addition to showing the importance of your work to the contemporary, and thus show the unique way as heirs to the tradition of texts addressing updates different universal themes and current, like love, ambition, consumerism, loneliness. When performing the reading of short stories, note that it's not just about children's literature, because their works of interest to any reader, whether children or adults. This work consists of a bibliographical research based from the studies of Coelho (1998 and 2003) about the fairy tale; of Todorov (2004), about the wonderful and Jolles (1976), about the tale as, in addition to studies on the author performed by Marlúcia Nogueira do Nascimento Dodo (2010) and Leandro Passos (2008). It is noteworthy that the analytical approach of the stories part of research into narrative structure, including also your poeticity, perceived in the language and symbols employed in the construction of the plot and the characters, in

order to reach a reading that reveal the senses of the texts. After those studies and approaches, we find that the narrative of universal dimension and Italian offers a timeless, since it deals with the human condition.

**Keywords:** Marina Colasanti. “A moça tecelã”. “A mulher ramada”. Fairy tale. Wonderful.

## 1 Introdução

O propósito deste Trabalho de Conclusão de Curso é estudar a obra de Marina Colasanti, e propor uma leitura de dois de seus contos, e assim, mostrar que seu trabalho não é somente Literatura infantojuvenil, pois suas obras acolhem qualquer leitor, inclusive os adultos.

Decidimos analisar dois contos dessa autora, uma vez que percebermos que ela faz uma reconstrução de temas abordados nos contos de fadas tradicionais, e usa a estrutura presente nesses contos, mas com enredo original criado pela própria autora, emprega de modo peculiar o maravilhoso.

O *corpus* do nosso trabalho constitui-se de dois contos do livro *Doze Reis e a moça no labirinto do vento* que, por sua vez, está na antologia *Mais de 100 Histórias Maravilhosas*: “A moça tecelã”<sup>1</sup> e “A mulher ramada”<sup>2</sup>.

Tudo isso, com o intuito de apresentar uma leitura dos contos levando em conta a questão do objeto mágico e o jardim mostrando a simbologia presente nos contos. Além disso, pode-se destacar a linguagem poética e o sentido que se constrói a partir do emprego do maravilhoso, mesmo sendo uma obra contemporânea.

Para atingirmos os objetivos propostos, foi necessário, primeiramente, realizarmos uma pesquisa bibliográfica fundamentada nos estudos de Coelho (2003 e 1998) sobre o conto de fadas; de Todorov (2004), sobre o maravilhoso e Jolles (1976), sobre o conto como forma simples, além de estudos sobre a autora realizados por Marlúcia Nogueira do Nascimento Dodo (2010) e Leandro Passos (2008). Cabe ressaltar que a abordagem analítica dos contos parte da investigação

---

<sup>1</sup> Conto na íntegra no anexo A.

<sup>2</sup> Conto na íntegra no anexo B.

[Digite texto]



MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS, M. O.

sobre a estrutura narrativa, contemplando também sua poeticidade, percebida na linguagem e nos símbolos empregados na construção do enredo e das personagens, a fim de se chegar a uma leitura que revele os sentidos dos textos.

Este trabalho compõe-se, inicialmente, de uma apresentação sobre a vida e obra da autora. Em seguida, descrevemos o livro *Mais de 100 Histórias Maravilhosas* que reúne dez obras da autora, com um breve comentário sobre todos eles. Além disso, realizamos um resumo do livro *Doze Reis e a moça no labirinto do vento* que se constitui de treze contos, sendo que dois desses constituem o nosso *corpus*.

Na sequência, apresentamos nossos estudos sobre contos de fadas e o maravilhoso, para mostrar que, apesar de terem características distintas, a autora constrói de modo único as suas histórias, e com isso, causa o estranhamento. Após esses estudos, realizamos uma análise dos contos escolhidos para chegar à proposta de leitura prometida.

## 2 A autora e a obra

Marina Colasanti nasceu em 26 de setembro de 1937 na cidade de Asmara, capital da Eritreia. Posteriormente morou por alguns anos em Trípoli, na Líbia, e mudou-se para a Itália onde residiu por onze anos. Como seu pai já conhecia o Brasil, resolveu mudar-se para cá com a sua família e, desde então, Marina Colasanti reside na cidade do Rio de Janeiro. Casou-se com o escritor Affonso Romano de Sant'Anna e teve duas filhas, Fabiana e Alessandra Colasanti. Essas informações estão contidas no texto *Como se fizesse um cavalo* (2012), apresentadas pela própria autora.

A autora é formada pela Escola Nacional de Belas Artes (1952 – 1956) e estudou pintura com Catarina Baratelle. Tornou-se artista plástica e posteriormente ingressou no *Jornal do Brasil* em 1962, como redatora do *Caderno B*, além de desenvolver as atividades de cronista, colunista e ilustradora. Foi também editora do *Caderno Infantil* do mesmo jornal, em que trabalhou por mais de dez anos, com isso

## O MARAVILHOSO E O FEÉRICO NOS CONTOS DE MARINA COLASANTI: uma leitura de “A moça tecelã” e “A mulher ramada”

iniciou a carreira de jornalista, atuando, inclusive, como publicitária, editora, apresentadora e entrevistadora de programas na televisão.

Lançou seu primeiro livro, *Eu sozinha*, em 1968 e, desde então, publicou mais de 30 obras, entre literatura infantil e adulta. Em 1992, saiu seu primeiro livro de poesia, *Cada Bicho seu Capricho*. Em 1994, ganhou o Prêmio Jabuti de Poesia por *Rota de Colisão* (1993) e o Prêmio Jabuti Infantil ou Juvenil por *Ana Z, aonde vai você?* (1993). Suas crônicas estão reunidas em vários livros, dentre os quais *Eu sei mas não devia* (1992), que recebeu outro prêmio Jabuti, além do livro de poesias *Rota de Colisão*, igualmente premiado.

Publicou vários livros de contos, crônicas, poemas e histórias infantis como: *E por falar em amor*, *Contos de amor rasgados*, *Aqui entre nós*, *Intimidade pública*, *Eu sozinha*, *Zoológico*, *A morada do ser*, *A nova mulher*, *Mulher daqui pra frente*, *O leopardo é um animal delicado*, *Gargantas abertas* e os escritos para crianças, *Uma ideia toda azul* e *Doze reis e a moça do labirinto de vento*. Além dessas atividades, também trabalhou como tradutora do inglês, francês e italiano. Ao longo do tempo, participou ativamente de congressos, simpósios, cursos e feiras literárias no Brasil e em outros países.

Em 2015, foi publicada a antologia *Mais de 100 Histórias Maravilhosas* que reúne nove livros em ordem cronológica e um livro inédito que é o *Quando a Primavera Chegar*.

Esse livro, para a autora, é a concretização de um projeto de vida, pois por meio dessa edição, conseguiu reunir todos os seus contos maravilhosos produzidos ao longo dos seus 30 anos de carreira em um único volume e, para surpreender seus leitores, acrescentou com um livro novo, como citado anteriormente.

### 2.2 *Mais de 100 histórias maravilhosas*

Em vídeo de divulgação sobre esse livro, Marina Colasanti comenta que o considera como a realização de um projeto de vida, que a alegra e encanta imensamente. Em sua fala, destaca também a unidade, a diversidade, o percurso de

[Digite texto]



MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS, M. O.

sentimentos, a linguagem que envolvem sua vida e suas obras. Além disso, ela nos conta o porquê de o livro ter o nome de *Mais de 100 Histórias Maravilhosas* e não “Mais de 100 contos de fadas”, e explica também, que suas obras não são apenas para crianças, como se pode observar na transcrição abaixo:

Eu botei o título *Mais de 100 Histórias Maravilhosas* porque se eu pusesse é Mais de 100 contos de fadas, as pessoas iriam pensar que é um livro para criancinhas, que é um livro com fadinhas, com bruxinhas, com histórias mágicas, e não é; são histórias maravilhosas, porque contos maravilhosos é o nome técnico que se dá aos contos de fadas. E esses contos uma das exigências desses contos desse tipo de narrativa é que ele sirva para qualquer idade são textos verticais. São textos que podem ter variantes de leituras infinitas, e que, portanto, se adaptam a qualquer idade. São textos que estão ligados historicamente e pelo seu próprio gênero à essência do ser-humano [...]. (COLASANTI, 2015, online)

Esse livro, publicado pela Global Editora, reúne, como já dissemos, nove livros publicados anteriormente em ordem cronológica além do inédito *Quando a Primavera Chegar*.

A primeira obra que compõe essa publicação é *Uma ideia toda azul* o qual tem como alguns de seus personagens príncipes, princesas, unicórnios, gnomos, cisnes e fadas. Porém, as histórias mostram, através dos seres fantásticos e dos lugares imaginários, os sonhos, os medos, as fantasias, os desejos, as angústias que sempre estão presentes na alma humana. Por meio de uma linguagem poética.

A segunda obra é *Doze reis e a moça no labirinto do vento*, que escolhemos para realizar a nossa pesquisa. Esse livro contém treze contos maravilhosos com finais inesperados, e nos remetem aos tradicionais contos de fadas, porém têm a assinatura e a visão delicada de Colasanti. Como a maioria dos livros da autora, trata muito de questões universais e que estão relacionadas aos anseios humanos.

A obra *A mão na massa* é muito interessante e cômica, pois conta a história da doceira Delícia que perdeu a mão enquanto preparava uma receita e essa mão foi parar no palácio onde o rei a achou e cuidou muito bem dela. Delícia, assim que percebeu que perdera a mão, saiu perguntando por ela em todos os lugares. Enquanto isso, no castelo a mão já estava incomodada com os carinhos e

**O MARAVILHOSO E O FEÉRICO NOS CONTOS DE MARINA COLASANTI:**  
uma leitura de “A moça tecelã” e “A mulher ramada”

os beliscões que recebia do rei e resolveu fugir. A mão bateu à porta da casa de Delícia e voltou para o seu lar. Porém, assim que o rei percebeu a fuga da mão, ordenou que os seus guardas a encontrassem. Os guardas encontraram a mão com Delícia e levaram as duas (a mão e a moça) para o rei, que ficou apaixonado pela doceira assim que a viu e a pediu em casamento.

A obra *Entre a espada e a rosa*, a quarta nessa sequência, é composta por dez contos e, dentre eles, há um conto que dá nome ao livro, mas os contos são independentes. É um livro intenso e interessante, repleto de encanto e segredos que contemplam a antimoral.

*O homem que não parava de crescer* é uma obra que faz uma metáfora sobre o amadurecimento, a independência e a identidade, tendo como meio o crescimento físico do personagem Gul. Esse livro representa a história de todos nós, pois na caminhada da nossa vida nos deparamos com desafios que nunca nos deixam parar de crescer e evoluir.

Em *Um amor sem palavras*, sexta obra, após a primeira leitura, percebemos que retrata como temas principais a amizade, o afeto e os relacionamentos, porém ao realizar uma leitura mais detalhada e minuciosa percebe-se que há outros temas a serem tratados e que nos farão refletir sobre ética e meio-ambiente.

*Longe como o meu querer* reúne vinte e quatro contos que têm as características dos contos fantásticos e que demonstram, em suas histórias, a sensibilidade da autora para tratar de questões universais.

A obra *23 histórias de um viajante* narra a história de um viajante que chega às portas de um reino em que o seu príncipe vive isolado, porém esse príncipe ficará encantado com as histórias que o viajante contará e assim resolve acompanhá-lo em uma travessia pelas suas próprias terras. Dessa forma, pode-se perceber que o fato de viajar está aqui relacionado com o fato de ler e narrar, pois, ao realizar uma leitura viajamos e nos tornamos outra pessoa.

*Como uma carta de amor*, nona obra o livro, é composta por 13 contos que têm como foco o amor, o sentimento, o sonho e a solidão. Além disso, o enredo construído pelo fantástico provoca e toca o leitor, sensibilizando-o.



MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS, M. O.

A última obra inédita, *Quando a primavera chegar*, possui dezessete contos que têm presente temas como, os anseios da vida, a liberdade da mulher, a busca pelo ideal e verdadeiro, mas também a relação das maldades diante a realidade e força que tornam o povo unido.

Como se pode observar, em todas as obras Marina Colasanti utiliza-se de temas universais como o amor, o medo e os anseios do homem e isso estabelece um elo entre os contos. Além disso, verifica-se que os temas não são direcionados apenas para as crianças, mas para qualquer leitor.

### 2.3 Um pouco mais sobre *Doze reis e a moça no labirinto do vento*

Dentre todas as obras que foram reunidos em *Mais de 100 Histórias Maravilhosas* escolhemos *Doze reis e a moça no labirinto do vento* para realizar a nossa pesquisa, pois traz à tona o encantamento dos contos de fadas e o maravilhoso, porém com a visão, com a emoção e a leveza de Marina Colasanti.

Realizamos um breve resumo sobre os treze contos que apresentamos a seguir.

*A moça tecelã* retrata a vida de uma tecelã que possuía um tear mágico, desse modo, ela ficava todos os dias tecendo o sol, as flores, as nuvens, o seu alimento e, quando estava muito quente, ela pegava as suas lãs nos tons de preto e cinza e tecia nuvens bem escuras e depois com linhas azuis tecia as gotas de chuva e quando ela olhava pela janela a chuva estava caindo. Porém, um dia, ela se sentiu muito sozinha e resolveu tecer um marido e, assim que terminou de tecê-lo, ele bateu à sua porta. Tudo estava muito bom até que o marido da tecelã descobriu que o tear era mágico e dessa forma pediu para que ela tecesse uma casa melhor. Depois, não satisfeito, pediu para tecer um palácio, baús com muito ouro, cavalos, e até empregados, porém a moça foi ficando muito triste e sozinha. Até que em uma noite, ela resolveu desfazê-lo e, quando amanheceu, e o marido acordou, ele percebeu que estava naquela casa velha, porém ele também estava desaparecendo. Após desfazer tudo, a moça continuou vivendo na sua casa simples e tecendo o dia, as plantas, os animais e a noite, como de costume.

**O MARAVILHOSO E O FEÉRICO NOS CONTOS DE MARINA COLASANTI:  
uma leitura de “A moça tecelã” e “A mulher ramada”**

*Entre leão e unicórnio* tem-se a história de um rei que se casou com uma rainha e, na noite nupcias, ele descobriu que enquanto a rainha dormia um leão ficava vigiando-a, para que ela não pudesse ter sonhos. Porém, o rei decidiu ajudá-la e resolveu cortar as patas do leão durante a noite. Assim, na outra noite, a rainha sonhou com beija-flores, abelhas e flores e, quando o rei acordou de madrugada, deparou-se com tudo isso no seu quarto, pois era o sonho que a rainha tivera. Na noite seguinte, apareceu um unicórnio no quarto deles e o rei ficou assustado. No entanto, na outra noite a rainha sonhou novamente com o unicórnio e, quando o rei acordou de madrugada, logo montou no unicórnio e foi galopar em meio às montanhas. Porém, em uma noite, a rainha pediu para uma dama de companhia ficar em baixo da cama e quando ela percebesse que a rainha havia dormido ela deveria costurar as patas do leão, contudo a dama de companhia dormiu e quando acordou viu o leão e costurou as patas dele, porém ela não viu que o rei tinha saído para galopar com o unicórnio e, conseqüentemente, o rei nunca mais apareceu, pois nenhum sonho entraria e nem sairia mais das noites da rainha.

*A mulher ramada* há um reino em que havia um jardineiro que estava se sentindo muito sozinho e desejava muito ter uma companheira. Num dia, ele trouxe duas mudas de roseiras e sabia muito bem a forma que ele desejava, pois queria uma companheira e deu formas de mulher à roseira e, com isso, nasceu Rosamulher e todos os dias o jardineiro ia visitá-la. O jardineiro não queria que Rosamulher florescesse, pois tinha medo de acabar com toda a beleza e a forma dela. No entanto, durante a primavera o jardineiro adoeceu e ficou muito tempo acamado. Quando melhorou, foi até o jardim e viu a Rosamulher, porém ela estava toda florida e ainda mais linda, o jardineiro a abraçou, e quem passava pelo jardim admirava a beleza da roseira, mas não enxergava o estreito abraço dos amantes.

*No colo do verde vale* o tempo é personagem da história e acreditava que comandava a ordem de tudo com os seus passos, por isso ele vivia correndo e nunca parava. Além disso, ele já estava cansado, pois conhecia todos os lugares e começou a não achar mais graça no que estava fazendo, porém havia algo que ele nunca havia feito que era parar. No entanto, quando chegou em um vale, decidiu parar e neste momento percebeu que não eram os seus passos que comandavam



[Digite texto]



MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS, M. O.

tudo e sim que cada um fazia os seus próprios movimentos e dessa forma faziam o tempo passar.

*Uma concha à beira-mar* tratará de um presente diferente que o filho de um rei recebeu em seu aniversário. Ele ganhou uma concha e ficou muito contente, pois quando a aproximava do ouvido, ouvia o barulho das ondas. Certo dia, o príncipe foi ouvir o barulho da concha e sentiu um respingo de água em seu rosto. Na outra manhã, viu uma longa trança loira escorrer pela fenda da concha, e com delicadeza, puxou-a e saiu da concha uma pequena sereia. No entanto, nada que o príncipe fizesse alegrava a sereia que só chorava, pois queria voltar para o mar onde era a sua casa. O príncipe não queria vê-la triste e resolveu levá-la até o mar. Contudo, quando chegou perto de um penhasco o príncipe ficou deslumbrado com a beleza do mar e deixou a concha com a pequena sereia cair do penhasco. Ele procurou por ela em toda praia, porém não a encontrou. Talvez seja por isso que hoje ao pegarmos uma concha não escutamos a voz da sereia e sim apenas o barulho do mar.

*Onde os oceanos se encontram* é a história das irmãs Lânia e Lísope que eram ninfas e viviam onde os oceanos se encontravam, ambas trabalhavam para o mar. Alí o mar depositava os seus afogados e cabia a Lânia, a mais forte, retirá-los da arrebentação e, a Lísope, a mais delicada, cabia lavá-los com água doce e depois envolvê-los com os lençóis de linho que elas teciam e devolvê-los ao mar para sempre. No entanto, um dia Lânia encontrou um corpo de um lindo rapaz pelo qual se apaixonou. Ela decidiu pedir para a morte, para quem sempre trabalhou sem pedir nada, que devolvesse a vida daquele homem. A morte ficou tocada com aquela paixão e deu a vida novamente ao homem. Porém, quando ele acordou, ficou encantado com Lísope. Com isso, Lânia ficou com muito ciúme e raiva e pediu para a morte levar a sua irmã para o mar e, durante a noite, Lânia colocou a sua irmã para dormir perto do mar, porém o homem acordou e foi se deitar junto a Lísope e o mar levou os dois. Na areia ficou apenas a forma dos dois deitados lado a lado de mãos dadas.

*Um desejo e dois irmãos* conta a história de dois irmãos, um deles é loiro de olhos azuis e o outro é moreno de olhos verdes. Esses irmãos desejavam

**O MARAVILHOSO E O FEÉRICO NOS CONTOS DE MARINA COLASANTI:  
uma leitura de “A moça tecelã” e “A mulher ramada”**

ser aquilo que o outro era e nunca estavam satisfeitos com o que tinham. Até que um dia o reino foi dividido e o loiro ficou com o céu, que refletia o azul dos seus olhos, e o moreno ficou com o mar, que refletia o verde dos seus olhos. Porém, num certo dia, o loiro sentiu calor e desejou ter o mar para si; e o moreno, sentiu frio e desejou ter o céu para si. Assim, decidiram apostar uma corrida e, quem chegasse primeiro, ficaria com o reino do outro. Mas uma onda se formou e quebrou envolvendo os dois irmãos num mesmo abraço jogando um corpo contra o outro e, dessa forma, juntando para sempre aquilo que era separado. Desliza a onda sobre a areia depositando o vencedor um único príncipe de olhos castanhos.

*De suave canto aqui* temos a história do nascimento da filha da rainha das garças e este acontecimento reuniu todas as garças. Quando a primavera chegou com ela veio um lindo canto e as pessoas que moravam na aldeia perguntavam se a princesa havia nascido, muitos homens foram até lá para ver, porém nenhum voltou. Taim era o mais bonito e foi levado pelo canto e ao chegar próximo ao ninho das garças avistou uma linda jovem cantando, porém ela estava distante e Taim temeu nunca poder alcançá-la. Com isso, Taim voltou para casa pensando em coisas de amor que diria a moça se falassem a mesma língua e resolveu tecer uma enorme harpa. Taim foi tocar a harpa próximo a linda moça e as garças ao ouvirem a resposta de amor abriram as asas e foram embora deixando a moça sozinha.

O conto *O rosto atrás do rosto* narra a história de um guerreiro das tendas de Feltro que tinha o rosto coberto por uma máscara de aço e os súditos acreditavam que ele tiraria a máscara quando tirasse a armadura, mas mesmo depois que ele tirou a armadura a máscara permaneceu. Ele desejou casar-se e pediu para chamar as princesas interessadas, mas todas fugiram com medo dele. Até que num certo dia chegou a mais delicada das jovens e casou-se com o rei, porém com uma condição ele nunca mostraria o seu rosto. Contudo com o passar dos anos a rainha ficou entristecida e queria ver o rosto do seu amado e ele percebendo a tristeza dela tirou a máscara de aço, porém debaixo dela havia uma máscara de bronze. Passado mais um tempo, a rainha fica melancólica e pede para o rei tirar a máscara ele tira a de bronze, porém, debaixo dela tem uma máscara de



MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS, M. O.

lata e o rei pede para que ela nunca mais peça para ver o seu rosto, no entanto, depois de um tempo, durante a noite a rainha acorda e tira a máscara do marido enquanto ele dormia e vê que ele não tinha rosto, apenas um escuro vazio contornado por cabelos.

*Uma ponte entre dois reinos* conta a história de uma menina e sua mãe que desde o nascimento de sua filha mandava afiar uma tesoura, pois o cabelo muito comprido dava muito trabalho e a menina chorava, pois queria tranças, mas em toda lua nova a mãe cortava o seu cabelo. Com o passar dos anos ficava cada vez mais difícil cortar o cabelo da menina, nada mais era capaz de cortar aqueles fios brilhantes como aço. Desse modo, o cabelo crescia até se arrastar pelo chão e só a menina poderia tirar os fios de seu cabelo, porém todo fio que ela tirava saía uma gota de sangue, mas quando essa gota chegava ao chão ela virava um precioso rubi. A mãe vendo a riqueza não se cansava de pedir fios e mais fios a sua filha guardando os rubis em seus bolsos. Um rei que ficou conhecendo a fama da moça e queria unir seu reino ao reino vizinho pediu à moça que doasse fios do seu cabelo para construir uma ponte. A moça então emendou fio a fio, até chegarem ao portão do palácio impressionando a todos no palácio que nunca tinham visto algo tão resistente. Quando a ponte ficou pronta o rei chamou a jovem para que ela fosse a primeira a atravessá-la, contudo a mãe da jovem quis ser a primeira a atravessar, mas despencou da ponte, pois ainda carregava muitos rubis em seu bolso. Então o rei pegou a mão da moça e os dois avançaram sobre a ponte.

*À procura de um reflexo* trata-se da história de uma moça que ao olhar no espelho para fazer uma trança não vê seu reflexo no espelho. Com isso, resolve ir até o lago para encontrar o seu reflexo, porém não encontra na água a sua imagem e é encaminhada para ir até uma caverna. Lá conhece a Dama dos Espelhos a qual a desafia a conseguir encontrar seu reflexo em uma sala com vários espelhos e bacias com água. Enquanto procurava o seu deparou-se com vários reflexos, porém, nenhum deles era o seu. Quando finalmente encontrou o seu reflexo ele estava em uma bacia, decidida a colocar seu reflexo no espelho, atira a bacia com seu reflexo em um espelho ocasionando assim o desaparecimento da

Dama dos Espelhos. Logo que sai da caverna ajoelha-se para beber água de um córrego e vê seu rosto que ela tanto procurava sorrindo para ela.

*Doze reis e a moça no labirinto do vento* traz a narrativa de um rei e sua filha. No palácio tinha um labirinto de trezentas e sessenta e cinco quinas bem aparadas, doze nichos de azulejos azuis no fundo do jardim e em cada nicho havia um rei barbudo de mármore para casar com a filha do rei. Quando chega o ano em que a princesa deverá se casar os reis vão saindo do mármore. Eles devem passar por um desafio que será o de encontrar a princesa que se esconde no labirinto. Dos doze reis apenas o último consegue desvendar o segredo do labirinto, pois era o único que não havia se desgastado fisicamente como os outros ele apenas pegou a sua espada e cortou as trezentas e sessenta e cinco quinas do labirinto e encontrou a moça no gramado sorrindo para ele.

No conto *Palavras aladas*, há a história de um rei que apreciava o silêncio, por isso, quando era muito jovem, ordenou que construíssem altíssimos muros ao redor do castelo e, como não ficou satisfeito, pediu para que passassem uma imensa redoma de vidro por todo o castelo. Dessa forma, nenhum ruído entraria e ele estaria isolado e livre de qualquer grito ou barulho. Contudo, da mesma forma que os sons não poderiam entrar, eles também não poderiam sair e, assim, palavras e frases foram se acumulando. Para que o rei não ouvisse essas palavras e frases, o mordomo real colocou-as numa parte menos frequentada do palácio. No entanto, o rei passou no corredor e escutou uns murmúrios e prestou bastante atenção àquela conversa notando que era uma conversa de um casal jovem apaixonado e lembrou-se que aquela era a sua voz quando era mais novo. O rei ficou muito emocionado e ordenou que as palavras fossem soltas e que a redoma fosse retirada e o muro, derrubado.

Com isso, percebe-se que em geral os contos da autora, abordam temáticas inusitadas e com o intuito de mobilizar o leitor para algo novo e, assim, os textos são originais e, ao mesmo tempo, contêm características que nos remetem ao maravilhoso, típico dos contos de fadas tradicionais.

## 2 Fundamentação teórica



MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS, M. O.

No texto de Marina Colasanti há a presença do maravilhoso, assim, surgiu a necessidade de tratar dessa questão a fim de compreender a ocorrência do maravilhoso nos textos literários, suas origens, características, motivações e sentidos.

Diante disso, iniciamos nossas investigações pelos estudos de Jolles (1976) que trata o maravilhoso como constitutivo do conto como “forma simples”, e, a seguir, apresentamos algumas considerações de Todorov (2004) sobre o assunto e, finalmente, trabalhamos com os estudos de Nelly Novaes Coelho, sobre o conto de fadas, para fundamentar a abordagem do *corpus*.

### 3.1 O maravilhoso como constitutivo do conto como “forma simples”

Com base nos estudos de Jolles (1976), o conto maravilhoso se constitui como forma simples, que na sua origem surge de uma forma tradicional, a partir de uma literatura oral. Assim, na medida que esse processo avança, o conto popular, vai se convertendo em uma forma elaborada, ou seja, na sua forma artística. Só depois de algum tempo é que o conto passou a fazer parte da tradição literária:

O conto é uma narrativa da mesma espécie das que os irmãos Grimm reuniram em seus *Kinder-und Hausmärchen*. [...] É costume atribuir-se a uma produção literária a qualidade de Conto sempre que ela concorde mais ou menos (para usar deliberadamente uma expressão vaga) com o que se pode encontrar nos contos de Grimm. (JOLLES, 1976, p.182)

Ao conto como forma simples, opõe-se, segundo o autor, a *Novela*, que considera como forma artística, oposição que revela a criação de uma narrativa por um escritor diferente da elaboração de narrativas tradicionais, pré-existentes, assim,

À primeira forma chamamos *Novela* e classificamo-la entre as formas artísticas; à segunda demos o nome de *Conto* e afirmamos ser uma Forma Simples. Ou, para usar a terminologia de Jacob Grimm, diremos que a primeira forma é poesia artística, “elaboração”, e a segunda é poesia da Natureza, “criação espontânea” (JOLLES, 1976, p.192).

**O MARAVILHOSO E O FEÉRICO NOS CONTOS DE MARINA COLASANTI:  
uma leitura de “A moça tecelã” e “A mulher ramada”**

O conto, portanto, pertence ao universo da criação espontânea e circula entre o povo até passar a uma tradição literária e, assim:

Na Forma Simples, pelo contrário, a linguagem permanece fluida, aberta, dotada de mobilidade e de capacidade de renovação constante. Costuma-se dizer que qualquer um pode contar um conto, uma saga ou uma lenda “com suas próprias palavras”. Os limites dessas “próprias palavras” podem, no caso presente, ser extremamente apertados, como se viu no caso da Locução e do Ditado, assim como na Adivinha (JOLLES, 1976, p. 195).

Jolles (1976) considera que há uma exigência da “moral ingênua” nos contos, uma vez que, ao ler os contos tradicionais, os leitores buscam por uma sensação de justiça, uma vez que os “bons” devem ter uma recompensa, e os “maus” devem ser punidos. Essa forma agrada aos leitores, pois eles não se satisfazem se a obra tem um fim inesperado. O que satisfaz é a moral ingênua, como na seguinte afirmação:

[...] Pode-se dizer que a disposição mental do Conto exerce aí a sua ação em dois sentidos: por uma parte, toma e compreende o universo como uma realidade que ela recusa e que não corresponde a sua ética do acontecimento; por outra parte, propõe e adota um outro universo que satisfaz a todas as exigências da moral ingênua (JOLLES, 1976, p.200).

Como a realidade é contrária à moral ingênua, nenhuma aventura no conto irá assemelhar-se à realidade, portanto, ela dá lugar à verdadeira base do conto que é o maravilhoso, o maravilhoso natural:

[...] no Conto, o prodígio do maravilhoso é a única possibilidade e que se tem de estarmos seguros de que deixou de existir a imoralidade da realidade. Assim como a Lenda só é compreensível como tal no milagre e este é-lhe elemento necessário e natural, assim também o Conto é incompreensível sem o maravilhoso (JOLLES, 1976, p.202).

Assim, a oralidade é marcada no conto pela escrita, por meio de fórmulas distanciadas, (“Era uma vez...” “Há muito, muito tempo”), que facilita a exposição dos acontecimentos narrados.

Uma segunda e conhecida propriedade do Conto pode ser explicada do mesmo modo. A ação localiza-se sempre “num país distante, longe, muito longe daqui”, passa-se “há muito, muito tempo”, ou então o lugar é em toda e nenhuma parte, à época sempre e nunca. Quando o Conto adquire os traços da História – o que acontece às vezes, quando se encontra com a



M. O.

MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS,

Novela -, perde uma parte da sua força. A localização histórica e o tempo histórico avizinham-no da realidade imoral e quebram o fascínio do maravilhoso natural e imprescindível (JOLLES, 1976, p. 202).

Além disso, segundo Jolles (1976), o conto não pode ser concebido sem o elemento “maravilhoso” que lhe é imprescindível e obedece a uma “moral ingênua”, que se opõe ao trágico da realidade, ou seja, os personagens não fazem o que devem fazer e como deveriam acontecer. Qualquer um que narre o conto manterá a “forma simples”.

Nos contos de Colasanti, nota-se que ela estiliza a “forma simples” e, assim, nos perguntamos em que medida ocorre sua conversão em “forma artística”, uma vez que são histórias inventadas que se utilizam do maravilhoso e do feérico em ambiente encantado, do tempo da natureza (ou mítico), de personagens dotadas de poderes mágicos, e da presença do maravilhosos, porém, identificamos já algumas diferenças, uma vez que não trazem, necessariamente, o final feliz da forma que o leitor esperava, nem certas fórmulas típicas como “era uma vez...” mas, ainda por outro lado, pode-se perceber a aplicação da “moral ingênua”, uma moral esperada nos contos tradicionais que não segue necessariamente a ética em sentido filosófico:

Ao invés da ética filosófica, que é uma ética da ação, chamarei a esta a *ética do acontecimento* ou *moral ingênua*, usando a palavra *ingênuo* (*naiv*) na mesma acepção que Schiller falou da poesia ingênua (*naiver Dichtung*). O nosso julgamento da ética ingênua é de ordem afetiva; não é estético, dado que nos fala categoricamente; não é utilitarista nem hedonista, porquanto seu critério não é o útil nem o agradável; é exterior à religião, visto não ser dogmático nem depender de um guia divino; é um julgamento puramente ético, quer dizer, absoluto. Se partirmos desse julgamento para determinar a Forma do Conto, poderemos dizer que existe no Conto uma forma em que o acontecimento e o curso das coisas obedecem a uma ordem tal que satisfazem completamente as exigências da moral ingênua e que, portanto, serão “bons” e “justos” segundo nosso juízo sentimental absoluto (JOLLES, 1976, p. 199-200).

Assim, esperamos que, após realizarmos a leitura do *corpus*, possamos retomar essa questão sobre a presença da forma simples e da moral ingênua nos contos da autora.

### 3.2 O maravilhoso como parte do fantástico

Todorov em seu livro *Introdução à Literatura Fantástica* (2004) distingue, inicialmente, o fantástico, o estranho e o maravilhoso que passaremos a apresentar.

O fantástico, para Todorov (2004), ocorre quando um leitor, ao se debruçar sobre uma história, é transportado para um mundo exatamente como o seu onde, por algum motivo, ocorrem acontecimentos que não podem ser explicados pelas leis naturais. Aquele que percebe esses acontecimentos pode optar por duas soluções, sendo elas: acreditar que é uma ilusão de sua imaginação ou então aceitar o fato ocorrido como algo sobrenatural, fantástico.

Esse irreal pode ser caracterizado como uma confusão da vida real, colocando-nos inesperadamente em relação com a incerteza. Sendo como uma ruptura inaceitável do mundo em que vivemos, a razão não é mais capaz de explicar o que está se passando. O gênero fantástico acontece a partir dessa incerteza, que provoca hesitação. E isso, então, seria a condição fundamental para a existência do fantástico, segundo o autor.

O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural (TODOROV, 2004, p. 31).

Quanto ao estranho, pode-se dizer que cumpre-se em relação ao medo, são relatos que podem ser explicados pela razão, só que, por algum motivo, são inquietantes e entusiasma o leitor e as personagens da obra. Porém, se existe diante da narrativa uma explicação racional dos fatos sobrenaturais, não se trata da literatura fantástica.

As narrativas voltadas ao estranho são marcadas pela capacidade de provocar medo em seus leitores. A hesitação, então, é definida como o sentimento que perturba aqueles que buscam a excitação da leitura.

Quanto à definição do gênero maravilhoso é determinada por Todorov em uma relação com o gênero fantástico, na qual a personagem heroica e o seu





MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS, M. O.

leitor mantêm uma oscilação entre uma explicação natural e o sobrenatural dos fenômenos, os acontecimentos são aceitos de modo óbvio, sem que haja uma reação de medo ou surpresa ao longo da narrativa.

Diante das narrativas do maravilhoso, Todorov retrata que os acontecimentos sobrenaturais se encontram de modo natural no mundo ficcional e por isso não são capazes de causar hesitações nos leitores e nas personagens, acabando assim por diferenciar-se do gênero fantástico. Os contos de fadas são um exemplo da ocorrência do gênero maravilhoso, porque eles contem poderes mágicos, lobos que conversam com porcos, bonecos de madeira que ganham vida entre tantos outros, são apresentados de modo natural. Como se pode perceber na seguinte afirmação:

Relaciona-se geralmente o gênero maravilhoso ao do conto de fadas; de fato, o conto de fadas não é senão uma das variedades do maravilhoso e os acontecimentos sobrenaturais aí não provocam qualquer surpresa: nem o sono de cem anos, nem o lobo que fala, nem os dons mágicos das fadas (para citar apenas alguns elementos dos contos de Perrault). O que distingue o conto de fadas é uma certa escritura, não o estatuto do sobrenatural (TODOROV, 2004, p. 60).

### 3.3 O conto de fadas

Em seu livro *Conto de Fadas Símbolos, Mitos e Arquétipos* (2003), Nelly Novaes Coelho afirma que na antiguidade os povos utilizavam-se de fábulas e contos com a finalidade de moralizar e também de contar os anseios, os medos, as revoltas e as crenças populares de uma região. Nessa época, essas histórias eram transmitidas oralmente de geração em geração. Por serem contos orais havia várias versões sobre a mesma história.

Ademais, os primeiros contos de fadas não visavam à leitura infantil, pois muitos apresentavam em seu enredo cenas de violência ou maldade, envolvendo, inclusive, crianças. Esses contos, como são conhecidos atualmente, só foram produzidos posteriormente quando a noção de infância começou a ganhar mais importância para a sociedade.

**O MARAVILHOSO E O FEÉRICO NOS CONTOS DE MARINA COLASANTI:**  
uma leitura de “A moça tecelã” e “A mulher ramada”

De acordo com Coelho (2003), anteriormente ao século XVII, as crianças que sobreviviam à primeira fase da infância, eram vistas como pequenos adultos, exerciam funções e atividades no mundo do trabalho, não existiam preocupações com sua formação individual e social. Após isso, com o começo da valorização da educação, as crianças foram separadas dos adultos e colocadas nas escolas para que então pudessem se formar e conviver socialmente. Com isso, surgiu a necessidade de textos literários voltados para a criança, fazendo com que os primeiros escritos fossem feitos por pedagogos e professores, com o intuito de educar.

Contudo, os primeiros registros dos contos de fadas surgiram durante o imponente reinado de Luís XIV, na França, com a publicação da primeira coletânea de contos infantis no século XVII. Esses contos foram escritos pelo poeta e advogado de prestígio na corte, Charles Perrault, provocando uma preferência de leitura de contos de fadas, assim também apresentado por Jolles (2004). As histórias de Perrault tiveram como origem a tradição oral e nesta coletânea foram publicados oito contos: *A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas; Cinderela ou A Gata Borracheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar.*

Os contos de fadas fazem parte da cultura ocidental e estão envolvidos em uma problemática existencial, espiritual e ética, e, também, estão ligados à realização interior do indivíduo, alcançada pelo intermédio do sentimento amoroso que aparece como elemento principal dos enredos através da figura do príncipe e da princesa. Com isso, as suas aventuras giram em torno de superar obstáculos impostos para que eles fiquem juntos. A vitória acontece com a ajuda de uma fada madrinha a qual os ajuda para que juntos tenham o tão esperado final feliz.

No livro *Conto de Fadas* (1998), Nelly Novaes Coelho mostra a origem das narrativas maravilhosas, dos seres fantásticos e a origem desses contos. No entanto ela diferencia o conto de fadas do conto maravilhoso:

Trata-se do Conto de fadas e do conto maravilhoso, formas de narrativa maravilhosa surgidas de fontes bem distintas, dando expressão a problemáticas bem diferentes, mas que, pelo fato de pertencer ao mundo do

[Digite texto]



M. O.

MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS,

maravilhoso, acabaram identificadas entre si como formas iguais (COELHO, 1998, p. 11).

Assim, percebe-se que ao longo dos tempos ocorreu uma confusão em relação ao que é o conto de fadas e o conto maravilhoso, pois como ambos fazem parte da literatura maravilhosa muitas pessoas acreditam que os dois sejam sinônimos, mas não é bem assim.

Contudo, há duas atitudes humanas que se destacam no imenso caudal narrativo, ou seja, o conto de fadas e o conto maravilhoso que se referem à luta do “eu”, empenhado em sua “realização interior” profunda, ao nível do “existencial”, no primeiro, ou em sua “realização exterior”, ao nível do social, no segundo. Assim, verifica-se que ambas se completam em sua realização.

Além disso, a autora faz uma explicação sobre as diferenças existentes entre os contos de fadas e os contos maravilhosos, uma vez que os contos de fadas têm a presença de seres maravilhosos como fadas, gnomos, bruxas e também reis, rainhas, príncipes, princesas, ocorrem no imaginário mágico e têm a sua origem da cultura ocidental. Porém, nos contos maravilhosos as narrativas não têm a presença das fadas, no entanto, ocorrem em cotidiano mágico, visando uma problemática social; essas narrativas originaram-se das narrativas orientais e enfatizam a questão material, sentimental e ética do ser humano, ou seja, as suas necessidades básicas e paixões do homem.

Nas raízes das narrativas maravilhosas, há uma busca de resultados, descobrindo o verdadeiro sentido da imaginação:

[...] descobriremos as migrações narrativas realizadas na Pérsia, Irã, Turquia e principalmente na luxuriosa Arábia, cuja ênfase na materialidade sensorial mais plena vai se contrapor ao espiritualismo gerado pela imaginação sonhadora dos celtas e bretões.

Já na Idade Média, veremos como todo esse lastro *pagão* choca-se, funde-se ou deixa-se absorver pela nova visão de mundo gerada pelo espiritualismo cristão e, transformado, chega ao Renascimento... Até que, finalmente, na passagem da era clássica para romântica, grande parte dessa antiga literatura maravilhosa destinada aos adultos é incorporada pela tradição oral popular e transforma-se em *literatura para crianças* (COELHO, 1998, p.15).

Sendo assim, na expansão das raízes, nos deparamos com as figuras femininas das fadas que são representações de pequenas mulheres, porém dotadas de poderes sobrenaturais que visam o bem de quem precisar. Apesar de serem consideradas como uma entidade mítica e boa, notáveis por sua graça e bondade, essas também podem ser consideradas enganadoras, já que, utilizam de seus poderes mágicos para dar “punições”, ou seja, mudam a personalidade de pessoas e itens, dessa maneira podendo estimular as características boas e más do indivíduo.

Como já dissemos anteriormente, de acordo com Coelho (1998), os primeiros contos de fadas foram escritos e destinados para adultos e, com o tempo, foram incorporados à tradição oral popular, e, posteriormente, foram transformados em literatura infanto-juvenil. Essa transformação ocorreu com Charles Perrault, durante o século XVII, o escritor francês dispõe-se a redescobrir os contos maravilhosos, que eram guardados nas memórias populares, além disso, era um grande defensor e apoiador da luta feminista em seu século. Também visava a uma literatura para adultos, longe de ser direcionada à infância, pois a obra de Perrault tinha como finalidade ensinar valores, condutas e comportamentos para a nova geração e o seu intuito era o de moralizar, e para isso o autor fez uso dos elementos lúdicos como as fadas, a magia e de expressões literárias como o “Era uma vez”.

Os contos de fadas apresentam em sua composição elementos como o tempo, o espaço e os personagens, que são submetidos à consciência do protagonista.

Toda narrativa transmite uma história que evolui no tempo e no espaço. Portanto, conceituar o tempo de uma obra narrativa é tratar dos tempos diversos que participam da estrutura — externos ou internos. O tempo é a condição da narrativa que se encontra no discurso e preenche o tempo dos fatos, organizando-os. O tempo é um elemento fundamental para se contar uma história, enquanto o espaço é fundamental para mostrá-la. O espaço, em uma narrativa, pode ser definido como o lugar onde se passa a ação. O tempo é preenchido pelo espaço e por tudo aquilo que estiver presente. Em uma narrativa, o tempo e o espaço são mutuamente permeáveis e intrínsecos.

[Digite texto]



MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS, M. O.

As personagens, nos contos de fadas, têm a função de demonstrar a relação entre o bem o mal, em que a bondade prevalece diante da maldade. Elas retratam as semelhanças da vida, com toda a complexidade que caracteriza as pessoas reais. O uso de poderes ou objetos mágicos pelas personagens traz à história um encontro quase imediato com o desejado, é a busca pela felicidade e realização, através do que lhe convém ser correto.

O enredo dos contos de fadas e dos contos maravilhosos abordam em grande parte questões espirituais como a busca individual e a busca do amor. As personagens buscam compreender o seu emocional, o modo como as coisas ao seu redor ocorrem, é a busca por se conhecer melhor, por saber mais sobre si, seus sonhos e suas vontades. E, é com essa relação, que o leitor se aproxima da narrativa, ele se sente envolvido pelos dilemas e conquistas, encontrando internalizado em si, essa busca individual.

Com o passar dos anos os contos de fadas começaram a ser reescritos para que as crianças pudessem ter acesso a leitura desses clássicos e, com isso, muitos contos tiveram alguma parte das suas histórias e dos seus finais modificados.

Além disso, com o avanço do racionalismo, o maravilhoso nos contos de fadas foi sendo marginalizado pelas diretrizes do Ensino, e então o pragmatismo começa a não ter espaço para a fantasia. No lugar do maravilhoso feérico, começa a se impor o maravilhoso do fantástico absurdo como por exemplo “Alice no País das Maravilhas” e, no maravilhoso sobrenatural há “Pinóquio”. Com o positivismo e o materialismo, os contos de fadas e os contos maravilhosos entram em recesso, mas, já na modernidade, eles voltam a ser descobertos. Além disso, agora vão além do prazer da leitura do texto pelas crianças, ou seja, a sua leitura será redescoberta no campo do simbólico, nas vivências humanas que o racional não consegue apreender, e que a imaginação popular vem transformando a cada século, como os encontramos na obra de Colasanti.

#### **4 Lendo os contos de Marina Colasanti**

Nesta parte passaremos a apresentar uma leitura dos contos “A moça tecelã” e “A mulher ramada”, que constituem o corpus desta pesquisa, entendendo que não é possível dar conta de todos os sentidos investidos nessas narrativas escolhidas, mas com o propósito de apresentar uma possibilidade de leitura desses contos, por meio de uma análise acerca de aspectos como estrutura narrativa, simbologia e poeticidade além da conexão com a tradição dos contos de fadas.

#### 4.1 “A moça tecelã”

De acordo com a hipótese de trabalho, estão presentes, nos contos da autora, características dos contos de fadas, que são mobilizadas com uma perspectiva diversa, já que se trata de uma autora contemporânea.

Os contos de Marina Colasanti são textos muito ricos em significado, o conto da moça tecelã é um bom exemplo, pois a autora o construiu de forma que não se trata de um conto de fadas tradicional, mas os elementos utilizados que sugerem uma relação com o gênero, como veremos a frente.

O conto *A moça tecelã* retrata a vida de uma tecelã que possuía um tear mágico, desse modo, ela ficava todos os dias tecendo o sol, as flores, as nuvens, o seu alimento e, quando estava muito quente, ela pegava as suas lãs nos tons de preto e cinza e tecia nuvens bem escuras e depois com linhas azuis tecia as gotas de chuva e quando ela olhava pela janela a chuva estava caindo. Porém, um dia, ela se sentiu muito sozinha e resolveu tecer um marido e, assim que terminou de tecê-lo, ele bateu à sua porta. Tudo estava muito bom até que o marido da tecelã descobriu que o tear era mágico e dessa forma pediu para que ela tecesse uma casa melhor. Depois, não satisfeito, pediu para tecer um palácio, baús com muito ouro, cavalos, e até empregados, porém a moça foi ficando muito triste e sozinha. Até que em uma noite, ela resolveu desfazê-lo e, quando amanheceu, e o marido acordou, percebeu que o palácio havia desaparecido e estava na casa antiga, percebeu ainda que ele mesmo estava desaparecendo. Após desfazer tudo, a moça continuou vivendo na sua casa simples e tecendo o dia, as plantas, os animais e a noite, como de costume.

[Digite texto]



MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS, M. O.

Ao realizar a leitura da história percebe-se que a linguagem poética está presente na maioria dos contos de Marina Colasanti, pois há uma valorização do texto na sua elaboração, uma vez que a autora utilizará da função poética da linguagem.

O próprio título do conto “A moça tecelã” é muito significativo, pois propõe uma história sobre uma moça que tece algo, porém, à medida que iniciamos a leitura do conto, sua ampla significação se torna clara, evidenciando que a palavra “tecelã” não será utilizada apenas no sentido literal. Pode-se dizer que a partir dessa palavra iniciamos análise do conto, tecelã é derivada de tecer, cuja origem vem do radical text- que de acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2007) significa: “tecer; fazer tecido; entrançar; entrelaçar; construir sobrepondo ou entrelaçando”.

A autora não utiliza o tão conhecido “Era uma vez...” sempre presente nos contos de fadas, ela utiliza a linguagem poética, mas, neste caso, não a expressão tradicional:

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.  
A linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte (COLASANTI, 2015, p. 38).

Aqui notamos também algumas semelhanças com os contos tradicionais, pois há um distanciamento de tempo e espaço, assim como nos contos de fadas. Pela descrição dos dias, percebemos que a história se passa em um lugar encantador, como uma casa no campo, com jardins cheios de flores, pássaros, lago, ou seja, a natureza está presente na vida da moça tecelã, assim como está presente na vida das personagens dos contos de fadas. A passagem do tempo não é marcada pelo relógio, mas pelos movimentos da natureza, é também algo que sabemos ter acontecido há muito tempo, mas não sabemos precisamente em que momento aconteceu, o que demonstra outra característica dos contos de fadas.

Temos também um objeto mágico, geralmente presente nos contos de fadas, e representado no conto da moça tecelã como um tear. Como já dissemos o ato de tecer não é meramente denotativo neste conto.

**O MARAVILHOSO E O FEÉRICO NOS CONTOS DE MARINA COLASANTI:**  
uma leitura de “A moça tecelã” e “A mulher ramada”

Para compreender melhor a função desse objeto mágico no conto “A moça tecelã” veremos o que diz o *Dicionário de Símbolos*:

O trabalho de tecelagem é um trabalho de criação, um parto. Quando o tecido está pronto, o tecelão corta os fios que o prendem ao tear e, ao fazê-lo, pronuncia a fórmula de benção que diz a parteira ao cortar o cordão umbilical do recém-nascido. Tudo se passa como se a tecelagem traduzisse em linguagem simples uma anatomia misteriosa do homem (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1997, p. 872).

Tecido, fio, tear, instrumentos que servem para fiar ou tecer (fuso, roca) são todos eles símbolos do destino. Servem para designar tudo o que rege ou intervém no nosso destino: a lua tece os destinos; a aranha tecendo sua teia é a imagem das forças que tecem nossos destinos. As moiras são fiandeiras, atam o destino, são divindades lunares. Tecer é criar novas formas (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1997, p. 872).

Através dessas considerações faz-se compreensível a representatividade deste símbolo no conto, tornando seu significado mais amplo, pois é uma transfiguração do real para uma imagem poética em que o tear deixa de ter o sentido denotativo e passa a ter o sentido conotativo, ou seja, não é apenas um objeto utilizado na produção de tecidos e tapetes, mas sim um objeto que, quando utilizado pelas mãos da tecelã, ganha um novo propósito, sendo que é por meio do objeto que ela tece tudo ao seu redor, de um simples nascer do sol ao final de um dia, é também por meio do tear que a história da mulher é contada, e modificada, de acordo com os acontecimentos da história ou de seus desejos.

Assim como nos contos de fadas, a vida da moça tecelã como nos é contada segue uma sequência narrativa com situação inicial, complicação, transformação, resolução e situação final.

No início, a única personagem é a moça tecelã, que vive tranquilamente sua vida, em uma casa simples sem muito luxo e sem se preocupar com riquezas. E, conforme a história se desenrola, vamos percebendo que a simplicidade era parte da vida da moça, a delicadeza com que fazia os dias, a chuva e a noite, é também uma característica da personagem. Conforme o tempo vai passando, ela começa a se sentir sozinha e começa a pensar em ter alguém ao seu lado, aqui surge o segundo personagem, o marido:



[Digite texto]



MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS, M. O.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou como seria bom ter um marido ao seu lado. [...] E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo apumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta. Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando na sua vida (COLASANTI, 2015, p. 38-39).

Há, no conto, a presença de um narrador onisciente que tudo sabe e conhece sobre suas personagens, mas que não relata suas opiniões, apenas nos apresenta o que se passa no íntimo delas e assim transmite ao leitor as emoções e os pensamentos de cada personagem. E é assim que vamos descobrindo que o marido que a moça havia desejado e tecido, assim como a vida que sonhava para ambos, não se torna realidade com a chegada do homem, pois a ganância o torna cego e indiferente aos desejos da mulher. Enquanto ela esperava a vida simples e uma família com filhos, o homem só pensava em utilizar o poder do tear para enriquecer: a casa maior que mulher teceu, já não servia mais, tudo o que possuíam não era suficiente, e assim ele vai cada vez mais ordenando que tecesse riquezas e bens, sem se preocupar com a moça.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente. - Para que ter essa casa, se podemos ter palácio? - perguntou. Sem querer resposta, imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata (COLASANTI, 2015, p.39).

E assim passam a ser os dias da mulher, fazendo o que gostava de fazer, que era tecer, mas tecendo o que não lhe fazia feliz, e novamente o tempo não determinado volta a marcar a história:

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou como seria bom estar sozinha de novo (COLASANTI, 2015, p.40).

Diferente das histórias tradicionais, quando surge o marido, o príncipe dos contos de fadas, o conto não chega ao fim e ao “foram felizes para sempre”, ao invés disso no conto da autora é no momento em que se une ao marido que começa a ocorrer o conflito e não a resolução dos fatos, pois a moça, percebendo que a vida

**O MARAVILHOSO E O FEÉRICO NOS CONTOS DE MARINA COLASANTI:**  
uma leitura de “A moça tecelã” e “A mulher ramada”

não era mais como sonhava, e o marido não sendo o que esperava, resolve mudar a situação, algo que também não vemos nos contos de fadas.

Nesse trecho da história, a realidade é mais visível, quando ela percebe que era mais feliz sozinha, em sua vida simples e sem riquezas. A moça tecelã, não é, nesse momento, a princesa sonhadora que encontra seu fim, ela é a moça comum que reflete sobre a vida, sobre seus sonhos e decide seu próprio destino. E assim ela faz:

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e, jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer o seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido, estranhando a cama dura, acordou e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos e ele viu os seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito apumado e o emplumado chapéu (COLASANTI, 2015, p.40).

Através desse conto, percebe-se que há muitos traços dos contos de fadas tradicionais, porém a autora nos surpreende com o desfecho da história, uma vez que sempre imaginamos que o final feliz é quando a princesa e o príncipe casam-se e vivem felizes para sempre. Isso não ocorre neste conto, pois a Tecelã vê que a felicidade não depende apenas de um companheiro e sim de viver conforme os seus valores e ideais.

O maravilhoso está presente nessa obra, pois a magia do tear adquire caráter simbólico e a autora trata de questões atuais, como a separação, a decepção amorosa e a conseqüente separação, porém de uma forma tão poética e encantadora que o processo da separação não fica muito doloroso. Além disso, temos o tear que representa o objeto mágico presente nos contos de fadas tradicionais. Tem-se que a tecelã representa o papel da princesa e o marido o do príncipe encantado dos contos de fadas, porém ambos são pessoas comuns e o marido é alguém para amar e não a figura do salvador que o príncipe tem nos contos de fadas.

[Digite texto]



MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS, M. O.

Ao realizar a leitura desse conto lembramos da presença do “tecer” e do tear em narrativas já conhecidas pelo leitor, relacionadas às personagens Bela Adormecida, Penélope, Rumpelstilskin, além do mito das Moiras. Nessas histórias, há a presença da roca, do tear e do fio como figuras que se relacionam à *tessitura* do destino.

No conto, a tecelã primeiramente tece o seu amado, pois imaginava que com um companheiro a sua vida seria mais feliz e menos solitária. Contudo, a moça percebe que o relacionamento não a estava fazendo feliz e decidiu destecer seu marido. Preferiu ficar com a sua vida tranquila e a sua rotina de tecer o dia, as flores, a chuva e o que ela precisasse a ficar infeliz ao lado do marido.

Dessa maneira, percebe-se como a autora mobiliza a tradição ao abordar a questão do “tear” como objeto mágico. Porém, ela rompe com os contos tradicionais, pois, na sua história, o final feliz não é com o casamento/união, mas sim a separação, mostrando que ter um companheiro é importante, porém há algumas coisas mais importantes como o respeito e a individualidade em um relacionamento, que não pode ser pautado pelo abuso ou a exploração, que são também formas de violência contra a mulher.

Trata-se de uma temática contemporânea abordada pela autora em relação ao papel da mulher em um relacionamento e à sua reação a situações abusivas. Dessa maneira, pode-se observar a “moral ingênua” prevista por Jolles (1976) nas formas simples, ao se punir o marido com a destruição. A autora, reelaborando as formas tradicionais, confere-lhes uma atualização importante que leva à reflexão sobre o papel da mulher no relacionamento amoroso e, conseqüentemente, na sociedade.

#### 4.2 “A mulher ramada”

O conto “A mulher ramada” é o terceiro do livro *Doze reis e a moça no labirinto do vento*. Aqui identificamos a estrutura do conto, a posição da mulher e do homem no relacionamento, a presença do maravilhoso e do simbólico. Além disso, vamos contrapor este conto com o conto “A moça tecelã”.

**O MARAVILHOSO E O FEÉRICO NOS CONTOS DE MARINA COLASANTI:  
uma leitura de “A moça tecelã” e “A mulher ramada”**

Na história “A mulher ramada” há algumas características do conto de fadas presentes, como: o jardim como o local mágico, os personagens são o jardineiro e a Rosamulher os quais enfrentam adversidades para ficarem juntos e, diferente do que ocorre no conto “A moça tecelã”, aqui temos um final feliz e de união entre os corpos do jardineiro e de Rosamulher, um final “feliz” como os dos contos de fadas tradicionais.

Nesse conto encontramos a linguagem poética típica do texto de Colasanti e que remete os seus leitores ao universo mágico como se percebe na seguinte citação:

Verde-claro, verde-escuro, canteiro de flores, arbusto entalhado, e de novo verde-claro, verde-escuro, imenso lençol do gramado; lá longe o palácio. Assim o jardineiro via o mundo, toda vez que levantava a cabeça do trabalho (COLASANTI, 2015, p.44).

Ao contrário do que acontece em “A moça tecelã”, nesse conto quem se sente solitário é o homem, representado pelo jardineiro, pois ele estava cansado de viver aquela rotina de sempre no canto mais afastado do jardim. Com isso, resolveu plantar duas mudas de roseira as quais plantou cuidadosamente, com toda a sua sabedoria e com muito amor, pois ele estava no tempo de ter uma companheira.

O jardineiro precisou esperar alguns meses, uma vez que a muda precisava crescer, porém, quando os primeiros galhos da roseira despontaram, ele carinhosamente os podou. Até que outra brotação viesse mais forte para que ele conseguisse dar às mudas as formas que só ele sabia.

Durante meses trabalhou conduzindo os ramos de forma a preencher o desenho que só ele sabia, podando os espigões teimosos que escapavam à harmonia exigida. E aos poucos, entre suas mãos, o arbusto foi tomando feitiço, fazendo surgir dos pés plantados no gramado duas lindas pernas, depois o ventre, os seios, os gentis braços da mulher que seria sua. Por último, cuidado maior, a cabeça, levemente inclinada para o lado (COLASANTI, 2015, p.44-45).

Assim percebemos como o jardineiro foi delicado, amoroso e paciente para dar vida a sua companheira. Foi assim que nasceu Rosamulher.

[Digite texto]



MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS, M. O.

Agora o jardineiro tinha para quem dar bom dia, contar como fora o seu dia e as suas histórias de vida. Essa era a nova rotina dele e, mesmo quando o inverno chegou, e a neve envolveu Rosamulher e o jardineiro não tinha plantas para cuidar, mesmo assim ele ia todos os dias visitá-la.

Com a chegada da primavera, a mulher ramada teve a primeira brotação que surgiu na ponta dos seus dedos engalhados. Porém, o jardineiro a podou e não deixou que ela dessas flores. Rosamulher era a única planta no jardim que não florescera, pois o jardineiro tinha medo de que a floração acabasse com a beleza dela e, por isso, ele cortava rente todos os botões.

No entanto, o jardineiro ficou doente e não conseguia nem levantar da cama e ardendo em febre chamou por sua amada. Como não conseguiu se recuperar muito rápido, ficou muito tempo sem ir ao jardim e quando ele finalmente se recuperou, foi até o jardim e viu que Rosamulher estava com rosas por todo o corpo.

Parado diante dela, ele olhava e olhava. Perdida estava a perfeição do rosto, perdida a expressão do olhar. Mas do seu amor nada se perdia. Florida, pareceu-lhe ainda mais linda. Nunca Rosamulher fora tão rosa. E seu coração de jardineiro soube que nunca mais teria coragem de podá-la. Nem mesmo para mantê-la presa em seu desenho. Então docemente a abraçou descansando a cabeça no seu ombro. E esperou (COLASANTI, 2015, p.46).

Assim, no final do conto percebe-se que o jardineiro uniu-se eternamente a Rosamulher, pois os dois ficam entrelaçados por toda a eternidade. E quem passava por ali, somente avistava a beleza de Rosamulher e não percebia o abraço dos amantes.

Desse modo, percebemos que o jardineiro nutria um amor verdadeiro por Rosamulher, pois mesmo ela perdendo um pouco da forma e da beleza que ele tanto prezou e zelou ele diz que nunca mais teria coragem de podá-la. Aqui temos uma representação simbólica em que a Rosamulher está representando aquela mulher que sempre foi repreendida e deveria acatar tudo que a família e o marido desejavam e com muito custo ela conseguiu que ele a aceitasse como ela realmente era.

**O MARAVILHOSO E O FEÉRICO NOS CONTOS DE MARINA COLASANTI:**  
uma leitura de “A moça tecelã” e “A mulher ramada”

O jardineiro representa o homem que na relação homem-mulher deseja que a sua companheira seja como ele idealiza, como deve ser a mulher ideal na visão dele. Contudo, ele acaba percebendo que é necessário deixá-la florescer e viver conforme a natureza dela e os desejos que possui.

Além disso, nesse conto, há imagem do jardim que conforme Vera Maria Tietzmann Silva nos diz em seu texto *A dupla face de Marina Colasanti* que: “[...] o jardim remete o leitor sempre à ideia de perfeição, devido à imagem do jardim do Paraíso, do livro do Gênesis.” (SILVA, 2004, p.77). Nesta citação percebe-se que o jardim nos remete à imagem de algo divino, o Paraíso. Ademais, o jardineiro tem o poder transformador, igual ao dos gnomos, uma vez que são os gnomos que cuidam dos jardins nos contos de fadas.

Não só nesta obra de Marina Colasanti, mas em outras há a presença muito forte do jardim e este representa um local de tranquilidade, isolamento e de segurança. Como observa-se na citação:

O jardim, seja em seu sentido mítico ou psicológico, representa um tempo liberto de preocupações e de deveres, espaço de segurança plena e isento do mal [...] o jardim é uma das imagens que sempre voltam na literatura em geral e uma das imagens recorrentes na obra ficcional desta autora (SILVA, 2004, p.77).

O jardim também nos remete à ideia de uma natureza que pode ser mudada e passa sempre por constantes restaurações. O que se pode comparar com o ser humano que vive em constante mudança e que está sempre em busca de se reestabelecer.

Após a leitura dos dois contos, percebemos que há uma contraposição entre eles, pois na “Moça tecelã” o marido não pensa na felicidade da mulher e quer que ela se submeta às suas ordens e ele não consegue compreendê-la e acaba que a mulher teve que tomar uma atitude muito drástica para que aquele relacionamento abusivo acabasse.

No entanto, no conto “A mulher ramada” o jardineiro, no começo, idealizou tanto a figura da mulher amada e como ela deveria ser que acabou cuidando e zelando da roseira de forma muito excessiva, pois nela não podia brotar



MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS, M. O.

nenhuma rosa. Tudo isso com medo de que a Rosamulher perdesse os seus encantos e a beleza que ele tanto prezava. Porém, veio a primavera e como castigo da natureza ele ficou doente por um período.

Dessa forma, a resolução ocorre quando o jardineiro se recupera e vai até o jardim ver sua amada, porém ela estava toda florida, o que a deixou um pouco deformada, mas as flores estavam tão bonitas que ao invés dele as podar, deixou Rosamulher como estava.

A situação final desse conto, como dissemos anteriormente, parece-se com a de um conto de fadas, pois termina com a felicidade do casal, uma vez que o jardineiro vira que a Rosamulher ficara mais linda, principalmente ao assumir que ele a amava mesmo estando deformada, mas sim respeitando sua própria natureza.

Portanto, há essa contraposição entre esses contos uma vez que a Tecelã não alcançou a aceitação do seu marido sobre como ela desejava viver a vida e ser feliz, porém, já Rosamulher foi aceita por seu amado, como ela realmente era.

## 5 Conclusão

Após esses estudos e abordagens, verificamos que a narrativa de Colasanti apresenta uma dimensão universal e atemporal, uma vez que trata da condição humana.

O objetivo deste trabalho foi apresentar uma leitura dos contos “A moça tecelã” e “A mulher ramada” de Marina Colasanti (que, sabemos, de modo nenhum, esgota seus sentidos), tendo em vista a presença do maravilhoso e a herança dos contos de fadas, estilizados pela autora para apresentar, de forma atualizada, temas como amor, aceitação e respeito, ambição, consumismo e solidão.

Em “A moça tecelã” e em “A mulher ramada” há semelhanças com os contos de fadas, uma vez que se pode perceber que a ação se passa em tempo e espaço não marcados historicamente, compondo o tempo mítico, próprio do universo das histórias de fadas; as personagens têm poderes mágicos por meio de que o maravilhoso se instala e produz as transformações e aprendizados. Em

**O MARAVILHOSO E O FEÉRICO NOS CONTOS DE MARINA COLASANTI:**  
uma leitura de “A moça tecelã” e “A mulher ramada”

ambos os contos, percebe-se uma carga simbólica relacionada, no primeiro, ao tear e, no segundo, ao jardim como elementos transformadores.

Nos contos de Colasanti, nota-se que ela estiliza a “forma simples” do conto tradicional, convertendo-o numa versão contemporânea de “forma artística”, uma vez que são histórias inventadas e autorais que se utilizam do maravilhoso e do feérico em ambiente encantado com a aplicação de “moral ingênua”, uma moral esperada nos contos tradicionais que não segue necessariamente a ética filosófica, exemplo disso é a “destruição” do marido em “A moça tecelã”, o que leva o leitor a sentir-se “apacado”, uma vez que se pune quem é “injusto” ou “mau”.

Ainda em ambas as histórias -“A moça tecelã” e “A mulher ramada”-, narram-se histórias de amor, mas, na primeira, há uma ruptura com a tradição do final feliz que se dá com a união do casal, pois o marido mostra-se abusivo, o que leva, como dissemos, a personagem da moça a destruí-lo. Já no outro conto, há um final feliz com a união em metamorfose definitiva e simbólica do casal, mas o problema abordado assemelha-se ao do conto anterior, visto que em ambas as histórias discutem-se questões relacionadas ao universo feminino e suas realizações, o respeito a sua natureza, desejos e anseios, temáticas contemporâneas abordadas pela autora que, reelaborando as formas tradicionais, confere-lhes uma atualização importante e uma reflexão sobre o papel da mulher no relacionamento amoroso e, conseqüentemente, na sociedade.

Nos contos de Marina Colasanti, embora as narrativas não se iniciem com “Era uma vez...”, é possível sua identificação com a tradição dos contos de fadas uma vez que estiliza-os para construir e escrever suas histórias, e, assim, assimila o modo tradicional dessas narrativas, porém seus contos têm a sua marca, pois as histórias tratam de questões contemporâneas, constituem-se como recriação de experiências e até mesmo de sonhos da autora, o que promove um encontro do leitor com o mundo mágico criado pelo seu subconsciente e com uma significação mais profunda aos contos.

Ao finalizar esta pesquisa concluímos que os contos de Marina Colasanti não podem ser vistos como apenas histórias que devem ser lidas exclusivamente por crianças. Os contos da autora são feitos para que todos possam



[Digite texto]



MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS, M. O.

ler, até mesmo os adultos, que com atenção visãõ crítica, perceberãõ o quanto os contos sãõ simbólicos e tratam de assuntos delicados para o ser humano de uma maneira simples e terna.

## Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1998. (Série Princípios)

\_\_\_\_\_. *O conto de fadas: símbolos-mitos-arquétipos*. São Paulo: Paulinas, 2003.

COLASANTI, Marina. *Doze reis e a moça no labirinto do vento*. In: \_\_\_\_\_. *Mais de 100 histórias maravilhosas*. São Paulo: Global, 2015.

\_\_\_\_\_. *Mais de 100 histórias maravilhosas*. São Paulo: Global, 2015.

DODO, Marlúcia Nogueira Do Nascimento. *De fadas e princesas: afetos femininos em Marina Colasanti*. 2010. 132 f.; Mestrado em Estudos Literários (Dissertação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

JOLLES, André. *Formas simples*. São Paulo: Cultrix, 1976.

MARINA Colasanti. *Biografia*. Disponível em: <<http://www.marinacolasanti.com/>>. Acesso em: 19 ago. de 2017.

CANAL do Grupo Editorial Global. Marina Colasanti apresenta o livro *Mais de cem histórias maravilhosas*. São Paulo: Grupo Editorial Global, 2015. 2:1a minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gTcEjthGfoE>>. Acesso em: 25 fev. de 2017.

PASSOS, Leandro. *Rapto e absorção: referências clássicas em Contos de amor rasgados* de Marina Colasanti. 2008. 175 f.; Mestrado em Estudos Literários (Dissertação) – Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, UNESP, 2008.

SILVA, Vera Maria T. A dupla face dos contos de Marina Colasanti. In: CECCANTINI, João Luís C.T. (Org.). *Leitura e literatura infanto-juvenil acadêmica: memória de gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmico. Assis, ANLSP, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Moraes, 2004.

## ANEXO A

### “A Moça Tecelã”

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.



MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS, M. O.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente. — Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

**O MARAVILHOSO E O FEÉRICO NOS CONTOS DE MARINA COLASANTI:**  
uma leitura de “A moça tecelã” e “A mulher ramada”

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

**ANEXO B**

“A Mulher Ramada”



MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS, M. O.

Verde claro, verde escuro, canteiro de flores, arbusto entalhado, e de novo verde claro, verde escuro, imenso lençol do gramado; lá longe o palácio. Assim o jardineiro via o mundo, toda vez que levantava a cabeça do trabalho.

E via carruagens chegando, silhuetas de damas arrastando os mantos nas aleias, cavaleiros partindo para a caça.

Mas a ele, no canto mais afastado do jardim, que a seus cuidados cabia, ninguém via. Plantando, podando, cuidando do chão, confundia-se quase com suas plantas, mimetizava-se com as estações. E se às vezes, distraído, murmurava sozinho alguma coisa, sua voz não se entrelaçava à música distante que vinha dos salões, mas se deixava ficar pelas folhas, sem que ninguém a viesse colher.

Já se fazia grande e frondosa a primeira árvore que havia plantado naquele jardim, quando uma dor de solidão começou a enraizar-se no seu peito. E passados dias, e passados meses, só não passando a dor, disse o jardineiro a si mesmo que era tempo de ter uma companheira.

No dia seguinte, trazidas num saco duas belas mudas de rosa, o homem escolheu o lugar, ajoelhou-se, cavou cuidadoso a primeira cova, mediu um palmo, cavou a segunda, e com gestos sábios de amor enterrou as raízes. Ao redor afundou um pouco a terra, para que a água de chuva e rega mantivesse sempre molhados os pés da rosa.

Foi preciso esperar. Mas ele, que há tanto esperava, não tinha pressa. E quando os primeiros, tênues galhos despontaram, carinhosamente os podou, dispondo-se a esperar novamente, até que outra brotação se fizesse mais forte.

Durante meses trabalhou conduzindo os ramos de forma a preencher o desenho que só ele sabia, podando os espigões teimosos que escapavam à harmonia exigida. E aos poucos, entre suas mãos, o arbusto foi tomando feitio, fazendo surgir dos pés plantados no gramado duas lindas pernas, depois o ventre, os seios, os gentis braços da mulher que seria sua. Por último, cuidado maior, a cabeça levemente inclinada para o lado.

**O MARAVILHOSO E O FEÉRICO NOS CONTOS DE MARINA COLASANTI:**  
uma leitura de “A moça tecelã” e “A mulher ramada”

O Jardineiro ainda deu os últimos retoques com a ponta da tesoura. Ajeitou o cabelo, arredondou a curva de um joelho. Depois, afastando-se para olhar, murmurou encantado:

- Bom dia, Rosamulher.

Agora levantando a cabeça do trabalho, não procurava mais a distância. Voltava-se para ela, sorria, contava o longo silêncio da sua vida. E quando o vento batia no jardim, agitando os braços verdes, movendo a cintura, ele todo se sentia vergar de amor, como se o vento o agitasse por dentro.

Acabou o verão, fez-se inverno. A neve envolveu com seu mármore a mulher ramada. Sem plantas para cuidar, agora que todas descansavam, ainda assim o jardineiro ia todos os dias visita-la. Viu a neve fazer-se gelo. Viu o gelo desfazer-se em gotas. E um dia em que o sol parecia mais morno do que de costume, viu de repente, na ponta dos dedos esgalhados, surgir a primeira brotação na primavera.

Em pouco, o jardim vestiu o cetim das folhas novas. Em cada tronco, em cada haste, em cada pedúnculo, a seiva empurrou para fora pétalas e pistilos. E mesmo no escuro da terra os bulbos acordaram, espreguiçando-se em pequenas pontas verdes.

Mas enquanto todos os arbustos se enfeitavam de flores, nem uma só gota de vermelho brilhava no corpo da roseira. Nua, obedecia ao esforço de seu jardineiro que, temendo que viesse a floração a romper tanta beleza, cortava rente todos os botões.

De tanto contraria a primavera, adoeceu porém o jardineiro. E ardendo de amor e febre na cama, inutilmente chamou por sua amada.

Muitos dias se passaram antes que pudesse voltar ao jardim. Quando afinal conseguiu se levantar para procurá-la, percebeu de longe a marca da sua ausência. Embaralhando-se aos cabelos, desfazendo a curva da testa, uma rosa embabadava suas pétalas entre os olhos da mulher. E já outra no seio despontava.

Parado diante dela, ele olhava e olhava. Perdida estava a perfeição do rosto, perdida a expressão do olhar. Mas do seu amor nada se perdia. Florida, pareceu-lhe ainda mais linda. Nunca Rosamulher fora tão rosa. E seu coração de

[Digite texto]



MOREIRA, A.E.S.; CAVALCANTE, A. R. C.; GUAGNELI, J. A.; FALEIROS, M. O.  
jardineiro soube que jamais teria coragem de podá-la. Nem mesmo para mantê-la presa em seu desenho.

Então docemente a abraçou descansando a cabeça no seu ombro. E esperou.

E sentindo sua espera, a mulher –rosa começou a brotar, lançando galhos, abrindo folhas, envolvendo-o em botões, casulo de flores e perfumes.

Ao longe, raras damas surpreenderam-se com o súbito esplendor da roseira. Um cavaleiro reteve seu cavalo. Por um instante pararam, atraídos. Depois voltaram a cabeça e a atenção, retomando seus caminhos. Sem perceber debaixo das flores o estreito abraço dos amante.